

Psicoterapia, psicopatologia e liberdade de ser

Psychotherapy, psychopathology and freedom

ARTIGO



Fábio Luiz Socreppa da Fonseca

Resumo

O presente texto se trata de uma discussão a respeito do emprego do conceito de condições de possibilidade advindo da Psicopatologia Fenomenológica para além da compreensão da estrutura da consciência para se pensar a intervenção psicoterapêutica em uma perspectiva fenomenológica. Para esse fim a condição de liberdade é discutida em relação a como o humano é abordado em diferentes formas de psicoterapia, destacando a condição de negatividade da liberdade em uma compreensão existencial. Discute-se a necessidade de ampliar a dialogicidade da psicoterapia fenomenológica com perspectivas contemporâneas que se fundamentam no mesmo horizonte conceitual como a própria Psicopatologia Fenomenológica e a posição externalista da consciência presente na posição enativista da cognição. Por fim, a discussão a respeito da intervenção clínica é realizada a partir de uma vineta clínica de uma pessoa com estrutura borderline. Compreende-se que esse texto não esgota a necessidade de se pensar a intervenção clínica que considere as condições de possibilidade em uma perspectiva psicoterapêutica, mas que incite mais produções nesse sentido.

Palavras-chave: Psicoterapia Fenomenológica. Psicopatologia Fenomenológica. Condições de Possibilidade. Intervenção Clínica.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2024; vol13(2):03-24

Published Online
08 de outubro de 2024
<https://doi.org/10.37067/rpfc.v13i2.1190>

Fábio Luiz Socreppa da Fonseca

Psicólogo clínico. Doutorando em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre em Educação pela mesma universidade. Especialista em Psicopedagogia pela PUC-SP e em Psicopatologia Fenomenológica pela FCMSC-SP.

Professor do curso de Psicologia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e da Pós-Graduação em Psicopatologia Fenomenológica da FCMSC-SP. Membro da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural.

Contato:
fabiofonseca@online.uscs.edu.br

Psicoterapia, psicopatologia e liberdade de ser

Psychotherapy, psychopathology and freedom

ARTIGO



Fábio Luiz Socreppa da Fonseca

Abstract

This text presents a discussion regarding the use of the concept of conditions of possibility, stemming from Phenomenological Psychopathology, beyond the understanding of the structure of consciousness, to contemplate psychotherapeutic intervention from a phenomenological perspective. To this end, the condition of freedom is discussed in relation to how the human being is approached in different forms of psychotherapy, highlighting the condition of negativity of freedom in an existential understanding. The text addresses the need to expand the dialogue of phenomenological psychotherapy with contemporary perspectives that are grounded in the same conceptual horizon, such as Phenomenological Psychopathology itself and the externalist position of consciousness present in the enactivist stance on cognition. Finally, the discussion on clinical intervention is carried out based on a clinical vignette of a person with a borderline structure. It is understood that this text does not exhaust the need to contemplate clinical intervention that considers the conditions of possibility in a psychotherapeutic perspective, but rather encourages further production on this topic.

Keywords: Phenomenological Psychotherapy. Phenomenological Psychopathology. Conditions of Possibility. Clinical Intervention.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2024; vol13(2):03-24

Published Online
08 de outubro de 2024
<https://doi.org/10.37067/rpfc.v13i2.1190>

Fábio Luiz Socreppa da Fonseca

Psicólogo clínico. Doutorando em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre em Educação pela mesma universidade. Especialista em Psicopedagogia pela PUC-SP e em Psicopatologia Fenomenológica pela FCMSC-SP.

Professor do curso de Psicologia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e da Pós-Graduação em Psicopatologia Fenomenológica da FCMSC-SP. Membro da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural.

Contato:
fabiofonseca@online.uscs.edu.br

A pretensão desse texto é discutir a questão da psicoterapia e sua aliança à cotidianidade das pessoas que por diferentes razões procuram a nós, clínicos, como pessoas que poderiam de algum modo compreender um pouco mais a respeito da existência ao ponto de poder ajudá-las a lidar com problemáticas e dilemas que se situam nos entremeios da normalidade e da psicopatologia.

Nesse sentido, a busca pela psicoterapia é realizada como busca de heterossuporte à maneira como a pessoa experimenta seu dia a dia, percebendo mudanças atuais ou trazidas numa romaria do tempo e que produzem incômodos no modo como se dá a vida, havendo prejuízos, sofrimentos ou simplesmente alteração na sua condição de ser livre.

Assim, as propostas psicoterapêuticas correspondem a métodos mais ou menos estruturados no sentido de acolher o desconforto ou sofrimento psíquico vivido por essas pessoas que procuram a psicoterapia (Conselho Federal de Psicologia, 2022).

No nosso entendimento, a situação de liberdade relaciona-se diretamente com as condições de possibilidade da existência discutidas no círculo da Psicopatologia Fenomenológica. Contudo, essa tese não é nova e, se há discussão a respeito, é por essa relação já ser comungada entre os psicopatologistas que dialogam com essa vertente. Logo, nossa discussão situa-se no emprego dessa correlação na intervenção psicoterapêutica.

Para tanto, consideramos necessária ao bom desenvolvimento dessas ideias uma breve exposição a respeito do campo das psicoterapias e o cuidado do humano, uma compreensão fenomenológica do humano e a psicoterapia, e a intervenção psicoterapêutica em um modelo fenomenológico.

O campo das psicoterapias e o cuidado do humano

O campo de atuação das psicoterapias não pertence a uma classe exclusiva de profissionais, mas tanto aos formados em psicologia e em medicina psiquiátrica, além de outros diretamente relacionados, como a classe dos psicanalistas. No entanto, é inegável a contribuição que a psicologia e a psiquiatria como ciências ofereceram ao campo das psicoterapias, não sendo essa restrita aos ambientes fechados de consultórios, mas se ampliando em direção ao mundo (como exemplo, a clínica ampliada ou os consultórios de rua), sendo seu enquadre e maneiras de atuação menos ligadas a um único estilo de ser

e agir, e mais a uma pluralidade de atuações ancoradas tanto nas abordagens metodológicas como nos próprios estilos e maneiras de ser do psicoterapeuta (Conselho Federal de Psicologia, 2022).

Tal pluralidade da atenção psicoterapêutica é fruto da sintonia entre esse campo e a epiderme das problemáticas contemporâneas, pois, tão logo um dado sofrimento surja, os profissionais do cuidado se direcionam ao desenvolvimento de terapêuticas possíveis a essas questões vividas (Neubern, 2009). Contudo, a característica dos tempos atuais leva esse campo à perda da sua proximidade com os aspectos existenciais dos sujeitos, ao edificar representações teóricas que assumem abstrações do humano e das suas relações temporais.

Nos ares da pós-modernidade, tem-se contato com a velocidade da informação que caracteriza esse tempo histórico. O intenso acesso aos equipamentos tecnológicos conectados à rede global de comunicação põe as pessoas em contato com inúmeras versões concomitantes do que pode ser a verdade nos mais diversos campos. A política de países estrangeiros dialoga com o presente, por vezes de modo mais intenso que aquela que acontece no próprio lugar em que se vive. Do mesmo modo, a facilidade vista nas telas a respeito do que são os relacionamentos sociais e românticos, além do que é o trabalho ou mesmo os custos de viagens, alimentação e lazer induzem mais a percepção da vivência do consumo do que as relações concretamente vividas ou mesmo aquelas das pessoas que compõem o entorno social. A vivência dessa desterritorialização da verdade, fruto da experiência fragmentada entre as dialéticas do global e do local, do virtual e do concreto, da completude e da incompletude, do ter e do ser, conduz à intensa busca por um estado de estase e satisfação por meio do consumo excessivo e à exaustão dos sentidos hiperestimulados (Han, 2015, 2017; Bauman, 2003; Baudrillard, 1995).

Na ancoragem desse momento histórico, que se propõe diferente ao desenvolver maior produção de saberes do que em todo o passado do conhecimento até a atualidade, põe-se certo ar de distinção e consideração para nosso ser histórico – mas que, na prática, o desconsidera por fundar-se na percepção de que o hoje é absolutamente diferente da anterioridade (Han, 2015). De fato, a contemporaneidade compõe uma sincronia social diferente de antes, uma vez que ao mesmo tempo sintetiza seu desenvolvimento e lança-se progressivamente rumo ao novo, situando-se sempre em uma dialética entre o já estabelecido e o indeterminado, posto que o lidar com novas tecnologias, modos de ser e as possibilidades que se abrem a partir delas por vezes coloca o humano diante de

questões ainda não abordadas. Contudo, isso também não se fez verdadeiro em qualquer outro momento histórico, quando os viventes ocupavam o epítome do desenvolvimento humano? (Merleau-Ponty, 1984).

Em consonância, a positividade focada em uma noção de bem-estar ligado ao consumo, à hiperinteratividade, ao desempenho e à prática da intolerância às diversidades como quebra da possibilidade de se habitar o mesmo lugar positivo – com tons de leveza, beleza, erotização – põe o humano diante da dor de este não ser o seu lugar próprio, mas sim das exigências de um tempo histórico caracterização pelo excesso, pela intensidade e pela negação das alteridades (Han, 2015).

A experiência de liberdade experimentada nessa proposição social é paradoxal, uma vez que imputa ao deseante viver uma mesmidade como liberdade, como um projeto comum, com objetivos comuns, desejos comuns, uma vida comum (Han, 2015). A ideia comungada de desempenho como realização das potências reduz a liberdade a uma expressão inócua de um ser exausto, que experimenta uma pequena vazão da estesia de seus sentidos diante de algo que o mundo considera bom.

Seja pela percepção da perda desse modo de liberdade, a sensação de insuficiência de alcançá-lo, ou mesmo pela desconexão com tal sincronia de mundo, as psicoterapias se expandiram em pluralidade, como formas de atuação em busca de atender novas dores e necessidades (May, 1981). O modo de abordar o sofrimento humano parte da maneira como o humano e sua liberdade são compreendidos em cada um dos horizontes teórico-clínicos; as chamadas abordagens psicológicas são modos de iluminar o humano, a partir de extensões filosóficas implícitas, em seu modo de entendimento e maneira de lidar clinicamente. Sintetiza-se essa ideia na lição de Merleau-Ponty (2006b): “psicologia é sempre filosofia implícita” (p.6).

A liberdade, tema central no campo da psicoterapia, não se apresenta como ideia única ou absoluta, mas está sempre em diálogo com o objeto de estudo de cada perspectiva teórica (Fromme, 2011). É importante compreender que cada abordagem traz consigo um entendimento particular de liberdade, delineando o caminho de intervenção terapêutica.

Na perspectiva cognitivo-comportamental, a liberdade é associada à capacidade do sujeito de moldar seus pensamentos e, por consequência, suas ações. O foco, aqui, é em como o indivíduo pode, por meio da modificação de seus padrões cognitivos, criar uma relação mais saudável com o mundo e com seus próprios comportamentos. Trata-se de

uma noção de liberdade vinculada ao processo pragmático e racional de entender, reestruturar e agir, de forma consciente e deliberada, sobre as circunstâncias da própria vida (Beck, 2013; Fromme, 2011).

Na psicanálise, metapsicologia reticente quanto à positividade da escolha humana, a liberdade é pensada a partir da expressão do desejo. Trata-se da mediação dos desejos reprimidos rumo a uma maneira mais livre de ser, conforme os conteúdos latentes no inconsciente são elaborados reflexivamente e podem ser mais bem integrados ao ego – de forma a permitir ao sujeito viver de maneira mais plena e menos conflituosa (Nasio, 1999; Fromme, 2011). A liberdade, aqui, não é imediata; ela é alcançada através da reconciliação com os elementos internos que o sujeito muitas vezes desconhece ou nega.

Em uma abordagem humanista (como a clínica rogeriana), a liberdade se configura como a capacidade de agência, isto é, a capacidade de o sujeito tomar as rédeas de sua vida, em congruência com suas necessidades e desejos mais autênticos (Thorne, 2003). É um processo de autoatualização, no qual a liberdade se manifesta no crescimento e autorrealização do indivíduo. Nesse sentido, o terapeuta oferece um espaço de aceitação incondicional, permitindo que o paciente se sinta seguro para explorar sua própria autenticidade, em ambiente respeitoso ao seu ritmo e às suas escolhas (Thorne, 2003; Fromme, 2011).

Na clínica fenomenológica, a liberdade assume uma dimensão distinta. Não se trata de moldar pensamentos ou dar vazão a desejos, tampouco de simplesmente agir em congruência com o self. A liberdade, no contexto fenomenológico, é pensada como *negatividade* – não no sentido de uma negação, mas sim como a ausência das determinações rígidas que cerceiam os demais entes (Souza, 2024). O ser humano, ao contrário dos objetos e demais seres, possui a peculiaridade de estar constantemente lançado no mundo, em um processo contínuo de constituição de si mesmo. É essa falta de determinações definitivas que abre o campo da liberdade. Mas que, ao mesmo tempo, coloca sobre o sujeito a responsabilidade de decidir o que fazer com essa abertura (Souza, 2024). A liberdade, aqui, é uma tarefa e uma exigência, não apenas um dado ou um direito (Josgrilberg, 2017).

Nesse contexto, a psicoterapia fenomenológica se coloca como um espaço para a pessoa reconhecer a liberdade fundamental que carrega e, ao mesmo tempo, a responsabilidade que ela implica (Feijoo, 2015; Bloc & Moreira, 2021). Diferente das abordagens que podem tender a guiar o sujeito a uma solução pré-estabelecida, a

fenomenologia busca criar um espaço onde o indivíduo possa explorar sua própria existência, reconhecer as escolhas que tem diante de si e assumir a responsabilidade por tais escolhas, por mais difíceis ou dolorosas que sejam (Bloc & Moreira, 2021). O terapeuta, nesse caso, não oferece respostas, mas uma escuta profunda que permite ao sujeito enfrentar suas questões e reconhecer aquilo que para ele é autêntico (Feijoo, 2015).

A busca pela autenticidade, essencial à clínica fenomenológica, é especialmente relevante em tempos como o nosso, onde a pluralidade de possibilidades e a rapidez do mundo pós-moderno parecem afastar o sujeito de suas escolhas mais verdadeiras. A liberdade, nesse contexto, se perde em processos inautênticos no excesso de estímulos e na dificuldade de sustentar uma identidade estável (Cerbone, 2012; Souza, 2024). A fenomenologia, ao focar na experiência vivida, resgata o humano de sua alienação, e o convida a reencontrar-se a si mesmo em meio ao caos contemporâneo. Ao proporcionar um espaço onde a pessoa possa se reconectar com suas experiências e suas escolhas, a clínica fenomenológica abre caminho para uma liberdade que é ao mesmo tempo um desafio e uma conquista.

O encontro terapêutico fenomenológico oferece a possibilidade de recuperar a profundidade e o sentido da liberdade de ser – não como abstração, mas como experiência concreta de responsabilidade diante da própria existência.

Uma compreensão fenomenológica do humano e a psicoterapia

Assumir uma posição fenomenológica diante do existir como cientista não implica deixar de lado todas as proposições da ciência, mas sim dialogar com elas. Trata-se de compreender a ciência como projeto da cultura humana, um discurso ousado e bem edificado na medida em que se direciona para a explicitação dos diferentes campos do conhecimento por ela reconhecidos (Josgrilberg, 2015). As ciências contribuíram para o atual grau tecnológico nos mais diversos campos – em especial no das ciências humanas, sociais e da saúde –, e sua maneira de produzir saberes acaba por recair em vícios que reduzem o humano às suas representações. Como ilustra Merleau-Ponty: “o verdadeiro *Cogito* não define a existência do sujeito pelo pensamento de existir que ele tem, não converte a certeza do mundo em certeza do pensamento do mundo e, enfim, não substitui o próprio mundo pela significação do mundo”. (Merleau-Ponty, 2006a, p. 09), mas deve considerar o humano como o ponto de partida e de chegada.

O distanciamento do humano de suas bases existenciais, ao ofuscá-las em detrimento da sintonia com o tempo da contemporaneidade, inspira o empreendimento fenomenológico. Se já reconhecemos na fenomenologia transcendental de Husserl a possibilidade do conhecimento a partir do seu estudo da intencionalidade (Moran, 2000), percebemos a mesma crítica no projeto fenomenológico-hermenêutico heideggeriano, no qual o humano é aquele que discursa, aquele que compreende o ser das coisas no mundo e a si mesmo (Cerbone, 2012). Merleau-Ponty realiza uma reaproximação dessas duas fenomenologias ao discutir a estrutura da percepção fundada na corporeidade, integrando, assim, as vias transcendentais de Husserl com as existenciais de Heidegger (Becher & Takahashi, 2022).

A fenomenologia da corporeidade de Merleau-Ponty pondera a respeito do processo perceptivo do sujeito em seu modo de existir, refletindo sobre a ambígua condição da estrutura corpórea, possuída de polos objetivo e subjetivo com os quais se relaciona e explora um mundo inesgotável (Merleau-Ponty, 2006a). O corpo próprio abre-se a partir das suas dimensões de sentido e enlaça o entorno a partir de estruturações naturais e culturais, fomentando a indissociabilidade entre os polos do mundo cultural de que participa e nos quais se engaja, e delineando as formas que compõem sua compreensão e posição diante dos outros – conforme sua sensibilidade e apreciação estética o desvela para si próprio (Fonseca, 2017). A crítica dessa fenomenologia aponta para a maneira como nos habituamos com a verdade, cuja tendência compõe o entendimento, algo que impacta a compreensão do corpo no curso da história das ciências, assim como a própria consciência (Le Breton, 2016).

Para além do discurso fenomenológico clássico, a ciência contemporânea dialoga com a filosofia da existência no sentido de manter seu enredamento e coerência com a estrutura do ser – o que não significa negar o científico ao subjugá-lo à filosofia, mas construir a partir de suas bases (Messas, 2023). No entendimento da consciência a partir do diálogo entre a ciência e a filosofia existencial, a teoria da enação aparece como base sólida para a psicoterapia fenomenológica contemporânea.

Tal teoria propõe uma visão integrada do ser humano, resgatando sua inseparabilidade com o mundo vivido, em oposição às abordagens reducionistas das ciências tradicionais. Inspirada na fenomenologia, a enação argumenta que a cognição não é um processo interno e isolado, restrito ao cérebro, mas emerge da interação contínua entre o organismo e o ambiente, em uma dinâmica de mútua transformação (Di

Paolo, Rhode, & De Jaegher, 2010).

Pode-se dizer que a teoria da enação dialoga com os escritos de Merleau-Ponty e sua noção de consciência encarnada, pela qual o corpo é o ponto de vista que nos revela o mundo. Para ele, a percepção é um ato corporal enraizado no movimento e na ação, e a cognição surge dessa relação ativa entre ser e mundo (Merleau-Ponty, 2006a). A enação retoma esse princípio para afirmar que mente e consciência são formadas no fluxo da experiência, entrelaçando organismo e ambiente.

O ser humano, então, não é um sujeito isolado, mas um ser situado, cuja existência se dá na imersão contínua no mundo. O corpo atua como mediador, interagindo com o ambiente onde se dão as possibilidades de ação – conceito esse que a enação incorpora do termo *affordance* (Chemero & Kaufer, 2015). Cada interação molda o comportamento e constrói a subjetividade, que, por sua vez, emerge da relação sensório-motora com o meio.

A consciência, portanto, não é um dado fixo ou exclusivo do cérebro, mas um fenômeno que emerge do engajamento entre organismo e ambiente. Nesse sentido, a consciência pode ser entendida como uma espécie de órgão de conexão intersubjetivo, que nos liga ao meio por meio das suas dimensões de sentido (Fuchs, 2018a). A subjetividade não é uma interioridade isolada, mas uma construção situada e relacional, tecida pelas experiências e pelos sentidos que o ser humano encontra em sua constante interação com o mundo (Fuchs, 2018a; Merleau-Ponty, 2006a).

A maneira como a consciência envolve a realidade a partir das dimensões dos sentidos corpóreos se dá a partir das condições de possibilidade da existência, estruturas pré-reflexivas que sustentam a experiência subjetiva. As condições de possibilidade são: temporalidade, espacialidade, intersubjetividade, corporeidade e identidade (Messas, 2021).

A estrutura da consciência é flexível e se organiza em movimentos de retração e expansão de suas polaridades dialéticas para a confluência das vivências. Tal movimentação pode cristalizar-se em certa arquitetura, da mesma maneira como se dá a sedimentação em Merleau-Ponty (2006a). Nela, presume-se uma dialética entre a estrutura corpórea e o ambiente vivido, de forma a tomar o percebido a partir de suas próprias instâncias. Contudo, a vivência pode pressionar a estrutura em direção contrária, com o desenvolvimento biográfico arqueando a estrutura da consciência em seu modo de firmar relação com o entorno (Messas & Fernandez, 2022).

A ponderação da experiência humana a partir de suas condições de possibilidade conduz à compreensão da liberdade vivida, pois é na polaridade entre a restrição e a ampliação de si mesmo que se revelam as paralisações do nosso ser, para além das debilitações objetivas físicas, cognitivas ou socioeconômicas (Messas, 2021). Trata-se de apreender como a liberdade do ser é perdida diante de sua própria condição de existência.

A liberdade ontológica expressa pela negatividade demanda da estrutura uma posição de identidade que se dá a partir do desenvolvimento e participação na comunidade linguística (Di Paolo, Cuffari, & De Jaegher, 2018). Por outro lado, a abertura ontológica também abarca a fragilidade psíquica, na medida em que expõe o sujeito a incertezas e risco de colapso diante de situações-limite. Ao contrário dos animais irracionais, o humano não tem instintos fixos, logo precisa construir seu caminho em constante diálogo com a cultura e com as expectativas sociais. Sua capacidade reflexiva, característica da "posição excêntrica", oferece tanto autocompreensão quanto alienação, gerando angústias existenciais, como culpa e medo da morte (Fuchs, 2018b).

Desse modo, a função da psicoterapia fenomenológica contemporânea não deve se limitar ao alívio dos sintomas e ao incentivo de lançar-se a processos mais autênticos, mas *atar-se mais fielmente ao seu fundamental que é dedicar-se ao cuidado* (Feijoo, 2015; Bloc & Moreira, 2021). Portanto, deve se enriquecer-se dos debates contemporâneas a respeito da compreensão da consciência em seu sentido enativista e da Psicopatologia Fenomenológica a fim de compreender a própria estrutura da consciência e a relação das suas condições de possibilidade com a liberdade vivida.

A intervenção psicoterapêutica em um modelo fenomenológico

Para refletirmos a respeito da intervenção psicoterapêutica a partir das condições de possibilidade da existência, devemos ponderar sobre seu lugar estrutural. Sua compreensão depende da superação das investidas dicotômicas que tratam da experiência subjetiva como estados internos ou externos, unificados na expressividade do modo pessoal de habitar o mundo vivido (Fuchs, 2007).

Isso implica que a maneira de habitar corporalmente o espaço sempre é se situar entre as dialéticas da existência – que, por sua vez, tocam distância, importância, integridade, densidade, autenticidade e intensidade das vivências (Messas, 2021). Os elementos constituintes da espacialidade entre as suas polaridades objetiva e subjetiva são tingidos por elementos intersubjetivos, proporcionando um modo de sintonia entre

indivíduo e coletividade (Messas, 2021; Merleau-Ponty, 2006a). Em si, toda a subjetividade funda-se e firma-se a partir de uma intersubjetividade (Messas, 2021; Merleau-Ponty, 2006a; Tonus, 2023).

A temporalidade é experimentada de duas maneiras: no modo como uma pessoa se situa no tempo vivido (em sentido longitudinal); e no modo temporoespacial (em sentido transversal), ou seja, no modo como a atualização das vivências no presente sempre é constituída por elementos já pertencentes ao fundo de vivências e significações da pessoa e no direcionamento que se lança em seus projetos (Messas, 2021; Messas, 2010).

O ressoar da espacialidade, da intersubjetividade e da temporalidade na corporeidade conduz a um modo de sentir que dialoga diretamente com as categorias anteriormente apresentadas, e também na maneira como cada pessoa desenvolve sua relação com o mundo e com o meio a partir da sua gestualidade (Messas, 2021; Merleau-Ponty, 2006b).

O investimento contínuo do ser a partir de suas condições de possibilidade e do engajamento em seus projetos abre a possibilidade da constituição temporal de uma identidade. A identidade é a categoria que rege a continuidade histórica da pessoa, e funda em seu percurso os valores axiais de uma existência, assim como elege os temas existenciais de maior importância no fluxo da vida (Messas, 2021). A circunstância da vivência presente tem como proposição de uma nova ação os ecos dos investimentos passados, sendo esses a referência para os próximos passos.

Tal como em um jogo de xadrez, a experiência ensina as próximas jogadas. Contudo, não são uma exigência (por vezes, apenas prudência), podendo o jogador realizar um movimento diferente em uma dada posição, negando assim o juízo de sua experiência de jogo (o que pode ser determinante em uma posição de derrota inevitável ou só um desperdício de jogada). O movimento presente, demandante de uma nova jogada – ou simplesmente da mudança no próprio curso de vida – pode ser entendido como a ipseidade, força que revela a condição negativa da liberdade existencial, podendo restringir o ser diante do seu percurso ou mesmo dar novo rumo ao seu existir (Messas, 2021).

A estrutura existencial é, assim, uma síntese de cada uma das condições de possibilidade apresentadas. Ainda que sejam essas didaticamente descritas em separado, a estrutura existencial articula-se como um campo de restrições e de investidas no desenvolvimento de uma biografia no curso da sua vida (Messas, 2021). A articulação

dessa estrutura existencial varia conforme as vivências e as oportunidades vividas, sejam essas favoráveis ou desfavoráveis ao movimento do ser (Fuchs, 2007).

A atuação psicoterapêutica que considera as condições de possibilidade como fundamento para a intervenção clínica demanda um olhar anterior, que é o de compreender, em um atendimento, a estrutura vivida da pessoa com a finalidade de dar maior precisão ao ato diagnóstico (Messas, 2021).

O movimento clínico de compreensão da expressão psicopatológica vivida pelo paciente parte da relação terapêutica e do foco nas descrições das dificuldades e dilemas vividos, visando apreender seu discurso em primeira pessoa (Messas & Fukuda, 2018). O psicoterapeuta deve se permitir ser inundado pela expressividade do mundo vivido do paciente, de modo a ressoar com os afetos compartilhados e compor uma vivência com o outro. Ou seja, a partir do elemento intersubjetivo comungado é possível acessar a experiência psicopatológica do paciente (Brito Pinto, 2015; Messas & Fukuda, 2018). O passo seguinte é o de reduzir tais fenômenos às suas bases estruturais, e ponderá-las a partir das dialéticas presentes nas polaridades das condições de possibilidade (Messas, 2021; Messas & Fukuda, 2018). Essa reflexão conduz a uma experiência compartilhada entre paciente e terapeuta, e promove uma vivência de segunda pessoa daquele fenômeno psicológico expresso.

Tal proposta envolve a compreensão da pessoa na sua relação autopoietica no mundo, ou seja, a maneira como se engaja em seus projetos de vida, e assim assume a produção e manutenção do próprio existir. Cabe entender o campo de restrições de liberdade que experimenta o paciente, a maneira como sua angústia se expressa (Messas, 2021).

A compreensão da estrutura vivida relaciona-se ao *processo* vivido pelo paciente, a maneira como se dá a cristalização de alguma das polaridades de suas condições de possibilidade – o que se entende como *desproporção antropológica* ou *fratura existencial* (Walker, 2013; Messas, 2021). O *conteúdo* das vivências refere-se ao cotidiano daquilo que é manifesto, e tal é o lugar do cuidado psicoterapêutico (Walker, 2013).

Se pensamos que uma intervenção medicamentosa partiria do processo ao conteúdo (ou seja, como atuar quimicamente a fim de manipular essas condições de possibilidade) (Tamellini, 2012), o trabalho psicoterapêutico ruma do conteúdo ao processo, ou seja, como o desenvolvimento biográfico e a projeção da pessoa no mundo em meio aos seus projetos pode promover alteração em suas condições de possibilidade

(Tamelini & Benedito, 2023). Segundo esses autores,

Estas estruturas “são os antecedentes básicos da perspectiva explícita do paciente” e não são habitualmente objetos da própria consciência, por isso são ditas estruturas pré-reflexivas. Neste âmbito pré-reflexivo da consciência é que se dá a organização formal básica das experiências do paciente em uma fisionomia de mundo, estável, ainda que em contínua movimentação. A apreensão da contínua dialética entre estabilidade e transformação destas estruturas pré-reflexivas da consciência brota, como já dito, da coparticipação vivida no campo aberto pela psicoterapia e possibilita a elucidação da situação existencial do paciente. Esta compreensão de ordem fenomenológica e as possibilidades específicas de diálogo e aliança inerentes ao encontro terapeuta-paciente determinam as ambições do projeto de psicoterapia em questão. É importante ressaltar que, apesar da importância da dimensão intersubjetiva, a ênfase da relação terapeuta-paciente não está posta necessariamente na interpretação de cunho histórico ou biográfico, mas nas possibilidades heurísticas intrínsecas a este encontro e na potencialidade de ele ser agente de mudança. (Tamelini & Benedito, p. 653)

A psicoterapia fenomenológica tem como foco a apreensão formal da estrutura existencial que sintetiza o movimento de ser do paciente, elucidando o sentido desse movimento entre seus dilemas e escolhas, destacando os valores e circunstâncias de seus projetos, mapeando e delineando suas vulnerabilidades diante da indeterminação vivida, e auxiliando a “modificação da estrutura experiencial e redefinição dos projetos existenciais” (Tamelini & Benedito, 2023, p. 653).

Desenvolveremos esse último aspecto a seguir, a partir de uma vinheta clínica.

Um jovem, ao redor dos 20 anos de idade, passa a maior parte do tempo isolado em seu quarto, apesar do relato de buscar fazer o vestibular para um curso de alta concorrência. Fica fixado em jogos online, assim como em plataformas de mídias sociais, ligado intensamente a um mundo virtual com o qual raramente interage. Possui pouca convivência com familiares e amigos, e oferece respostas agressivas quando questionado a respeito do excessivo isolamento, sobre os jogos ou seus estudos. O jovem também narra sua dificuldade na busca de relacionamentos amorosos – até tem primeiros encontros, mas se mantém ambivalente através da insegurança e da intensa dependência das possibilidades românticas que ocasionalmente se apresentam em sua vida. É filho único de um casal de comerciantes pouco habituado ao contato com outros parentes. Em razão da exigência do trabalho dos pais, ficava longos períodos na onde estudava. Tinha dificuldade em fazer amizades, assim como em manter relações sociais após o final do ensino médio (terminado nos últimos dois anos da pandemia de COVID-19). A proximidade com os jogos aumentou ao longo do isolamento social, mas seguiu no intento de ter uma vida de sucesso, formar-se em uma boa universidade, num curso de alta concorrência. Quando não conseguiu ingressar no curso desejado na primeira tentativa, passou a evitar os estudos, assim como ampliou seu isolamento.

Consideremos a seguir a compreensão formal de sua estrutura existencial:

Algumas das condições de possibilidade estrutural parecem fixadas em polaridades específicas. Como exemplo, a espacialidade, cuja polaridade entre *proximidade* e *distância* parece fixada no extremo da presença de pessoas, que assumem grande valor para o paciente – como a figura dos pais, de potenciais parcerias românticas, ou mesmo da *coletividade* figurada em uma dada instituição de ensino. Tal movimento valorativo se dá de modo fugaz, precário e insustentável – o aceno de um flerte se torna o início de uma grande história, a conversa ocasional em um chat online de jogos é sentida como uma íntima e confidente amizade, certos períodos de dedicação aos estudos são tomados com a segurança de um longo e maduro preparo que não resiste a uma bateria de exercícios. A rápida elevação do status desses fenômenos em sua experiência vivida é determinada por uma superficialidade, positividade e leveza que não se sustentam, pois a *integridade* e a *importância* doada dependem mais da antecipação dos elementos desejados que do que é comungado na experiência compartilhada. A fixação nesse constante avanço *en passant*, sem qualquer cuidado com os movimentos do outro e com a necessidade de dedicar-se aos próprios projetos, impede a variação da experiência em direção ao amadurecimento, para além dessa perspectiva estereotípica e em direção à centralização das pessoas e projetos no curso de seu desenvolvimento (processo dialético saudável da estrutura existencial). Na experiência do paciente, melhores amigos ou afetos evanescem, enquanto os reais investimentos recebidos pelo sujeito mal são notados. Encontramos na ponderação de sua espacialidade, portanto, a ambivalência entre a adesão ao tomado como bom e a negatividade consonante à frustração resultante da fragilidade desses objetos.

A corporeidade é reflexa da ambivalência experienciada na espacialidade. Varia entre movimentos de intensidade anímica derivada da proximidade vivida na possibilidade de se engajar em um relacionamento romântico, da urgência vivida na relação com os jogos, da leveza vivida diante do ideal de um futuro profissional garantido, e intensos sentimentos de vazio e frustração quando tais possibilidades se mostram enganosas, insuficientes, difíceis ou demandantes de mais esforço. Em tais momentos, surge um abuso no consumo de alimentos considerados pouco saudáveis e de relaxantes musculares visando o sono, uma maior agressividade na relação com os pais, um afastamento da rotina de estudos e mesmo de cuidados para com a higiene pessoal.

Marcadamente, a temporalidade é experimentada a partir dessa relação fragilizada

de adesão ao outro, que o auxilia na estabilização estrutural necessária à percepção protentiva do tempo (voltada à novidade, realização e conquista), e da incongruência experimentada no esvaziamento das relações e no distanciamento do mundo – como se toda a protentividade apontasse a um projeto impossível. O paciente tende a buscar uma vivência temporal de crescimento, novidade e energia, mas prescinde do esforço de amadurecer esse movimento, pois, ao se deparar com dificuldades nos estudos ou nos relacionamentos, age de modo apressado e acelerado, visando o alcance de algum resultado qualquer. Tal movimento aponta para a insegurança vivida, que não permite a variação da experiência a partir da indeterminação existente entre o ser aceito e o não ser aceito, entre o não saber e o saber, entre a realização e o esforço. Essa experiência temporal fixada numa protensão ligada ao florescimento (Messas, 2021) não permite o amadurecimento das condutas, conduzindo apenas à frustração e à exaustão por sempre recair na mesma vivência densa e intensa dos afetos negativistas, que tornam tais momentos como danosos ao seu bem-estar. Contudo, até o momento, o paciente se mostra cada vez mais aderido aos jogos e mídias sociais, propulsores de aparente leveza e superficialidade.

Ao analisarmos a intersubjetividade, ou seja, o modo como se dá a relação da pessoa com os outros e seu meio, percebemos que o paciente baliza suas posições a partir daquilo que se apresenta no polo do outro, de um modo estereotipado, com pouca criticidade. Isso ocorre uma vez que há um desbalanço entre os elementos claros e chamativos do mundo em relação a um eu que é intensamente faltante diante desse mundo, e que só se encontra equilibrado quando aderido ao polo do mundo.

Se, por um lado, a incompletude é uma verdade aos vivos, as constituições e papéis sociais no curso da vida equilibram a falta, tornando a dor subsequente algo possível de ser regulado no curso da vida. No caso em questão, há esse desbalanço entre a normatividade dos elementos do mundo, que se apresentam como a possibilidade de amor, da adesão a um curso de vida entendido como bom, e, nos momentos em que ele não se percebe em contato com tais elementos, sua tendência à busca por distrações (como jogos e o consumo das mídias digitais), a fim de evitar a forte sensação de vazio. Se o pensar se encontra alheio de si mesmo, só se pode ser um local desconsiderado, que não se pensa a si mesmo, que não produz sentido, um modo de se posicionar no mundo que é bem sintetizado pelo “penso onde não sou, sou onde não penso” lacaniano (Lacan, 1995).

A relação constituída entre um eu hipossuficiente e um mundo heterônomo (Messas, 2021) sempre fragilizará o polo do eu, uma vez que os elementos do mundo se atualizam na nossa percepção – embora, para o paciente, isso seja vivido de modo a tentar fixar-se na conexão com tais elementos. Não se trata de algo possível, uma vez que a vida demanda movimento, e que não se pode apenas manter-se nesse lugar de viver um romance automaticamente, ou de ingressar no curso desejado sem qualquer esforço real. O risco de qualquer alteração nos projetos vividos pelo paciente conduz à intolerância e à variação da experiência, necessária para o amadurecimento, assim como para o desenvolvimento das relações ou dos projetos pessoais.

Como consequência, sua identidade pode ser dita imatura, agarrada à parcialidade como modo de relacionar-se com o mundo, o que mais cristaliza um presente que não permite atualizações do que sedimenta experiências rumo à constituição de uma identidade madura. No caso, o paciente adere tão fortemente a algumas idealidades instituídas no seu curso de vida que acaba por lançar-se a cada uma delas intensamente, abandonando-as em seguida, e, adiante, a elas retornando. O paciente vive a necessidade de ser visto como inteligente durante toda a fase escolar, assim como a noção aprendida de que a felicidade estaria na possibilidade de encontrar um amor, de que o futuro estaria garantido no ingresso em um curso de alta concorrência, e de que o talento natural permitiria uma vida sem esforço.

Tais características se reúnem sob o que se pode chamar estruturalmente de desproporção borderline.

A lição de Messas (2021) e de Fuchs (2007) quanto ao cuidado clínico da desproporção borderline é a presença do psicoterapeuta como um “eu” auxiliar, que serve de polo ‘hiper suficiente’, como suporte e equilíbrio diante da falta de estabilidade típica dessa estrutura. Tal posição terapêutica visa propiciar o espaço para o desenvolvimento da identidade do paciente.

Vale ressaltar que, para um cuidado alicerçado no reconhecimento dos valores individuais de mundo (aqueles que fundamentam seu modo de fazer escolhas), a definição daquilo que é considerado bom pelo paciente é um dos maiores aliados na clínica em saúde mental (Silva & Castellana, 2023; Messas, 2021). Essa noção é bem expressa nas considerações sobre a atuação do psiquiatra por Silva e Castellana (2023), e é apontada como igualmente importante no campo da psicoterapia por Scheibenbogen e Musalek (2021), e por McBride e Kwee (2021).

A dimensão dos valores no campo da psicoterapia é apresentada como uma dualidade. Scheinbenbogen e Musalek (2021) tratam da produção de valores a partir do incorporar e enfatizar a experiência estética no processo clínico do paciente, enxertando no ciclo das vivências a apreciação como modo de relação, considerando os valores já pertencentes ao existir da pessoa como algo a ser focado e mobilizado pela atividade terapêutica. Por outro lado, McBride e Kwee (2021) tratam da utilidade da psicoterapia ancorada em valores como modo de discussão, desconstruindo e reintegrando aspectos do ser a partir da relação da experiência e dos conflitos vividos com os valores de mundo e os valores da própria pessoa. Aqui, associamos os conceitos da psicopatologia fenomenológica dialética aos valores vividos pelo paciente como pontos axiais para a proposição de movimento clínico que vai da compreensão do conteúdo vivido à redução ao processo psíquico como estrutura.

A apreensão desses valores pelo psicoterapeuta demanda atenção e apreciação dos temas existenciais que se encontram presentes no discurso do paciente, assim como a percepção do valor dado aos conteúdos que compõem seu mundo vivido. O cuidado para com a linguagem empregada, os termos eleitos e seu uso, é elemento representativo da importância dada pelo paciente aos objetos de mundo mencionados.

Cabe ao psicoterapeuta sintonizar-se com esses conteúdos, compartilhando dessas vivências e vibrando em consonância com as significações, temas e valores de mundo que ali se apresentam. Para o bom planejamento de uma intervenção clínica, é imprescindível a compreensão desses conteúdos vivenciais, pois serão essas as bases para a mobilização da estrutura psíquica.

No exemplo clínico, o paciente se queixa de ver-se deixado de lado por uma pessoa que havia conhecido há poucos dias, e da intensidade do sofrimento subsequente. Em meio ao necessário movimento de acolhimento e escuta, o paciente contou que esse outro parecia conversar com outras pessoas simultaneamente, e que, ao dialogarem, ele não se via apreciado da mesma maneira, o que o deixou inseguro e o levou a cobrar respostas mais rápidas e afirmações de que iriam continuar a se encontrar. Como resultado de tamanha pressão, houve o rompimento. O paciente era capaz de reconhecer que se sentia muito mais disponível que o outro, que se via como alguém que amava demais, e que era intenso em demasia em seus sentimentos – embora não fosse reconhecido por isso. No curso do nosso diálogo, disse ao paciente que *era como se ele sempre estivesse começando seus relacionamentos alguns passos à frente*. Isso o levou a ponderar

reflexivamente sobre a pressa e a intensidade do modo de contato.

Em outro momento, o paciente relatava a respeito da dificuldade no engajamento aos estudos para o vestibular, percebendo-se incapaz de se dedicar a determinadas disciplinas para alcançar seus objetivos. Nosso diálogo se encaminhou para o comentário de ele *estar sempre um degrau abaixo dos outros*. Ponderamos em conjunto sobre a necessidade de suportar a frustração e poder, por conseguinte, se firmar dentro de seu projeto.

Ambas as intervenções clínicas metaforizam o processo psíquico do paciente, apontando para aplicações diretas da compreensão da sua imobilidade estrutural. A contemplação conjunta da própria estrutura psíquica a partir da metáfora permite ao paciente a apropriar-se pouco a pouco de seu movimento de ser, de falar de si e nesse sentido mobilizar-se (ainda que somente por algum tempo).

A metáfora na intervenção clínica possui um papel crucial, inclusive para não tornar a psicoterapia uma aula sobre saúde mental – algo que apenas traria um vislumbre intelectual e não vivencial ao paciente. A escolha e sinergia das metáforas em favor da ampliação do conhecimento a respeito do movimento de ser auxilia o paciente na modulação e manutenção das vivências a um modo de existir que reduz seu sofrimento (Brencio, 2022). Assim, entendemos que modulação do processo psíquico seja possível a partir da modificação das suas condições de possibilidade.

Outra modalidade de intervenção potente a partir das condições de possibilidade é a reflexão conjunta sobre as atividades que a pessoa pode realizar rumo a lidar com sua situação vivida e a facilitar a concretização de seus projetos. A ideia de manejo clínico aqui proposta não é a de sugerir a todo momento novas oportunidades (inclusive porque corresponderia a um incentivo à produção de mais identidades parciais, risco sempre presente no cuidado de uma estrutura borderline), mas sim de organizar a condução e fortalecimento reflexivamente fundamentado no movimento dessa estrutura em direção a seus projetos. Há, aqui, um papel de acolhimento e suporte rumo a novas maneiras de lidar com seus relacionamentos, assim como à maior suportabilidade em enfrentar seus estudos, em reconhecer sua necessidade de defender-se existencialmente por meio da adesão momentânea a jogos ou do diálogo, e ao incentivo em relacionar-se mais com pessoas de seu meio.

O envolvimento da corporeidade no círculo de autocuidado do paciente, por meio de rotina, disciplina em seus estudos e nos demais processos clínicos (como o

acompanhamento psiquiátrico) realizam tanto as proposições de uma clínica ampliada como de uma psicoterapia fenomenológica pensada numa perspectiva enactivista (Fuchs, 2007a).

Assume-se que a desproporção antropológica não pode ser “curada” com as intervenções psicoterapêuticas, inclusive se tratar mais de uma maneira da pessoa ser do que de uma doença em sentido estrito. Entretanto, não é por isso que se deva renunciar ao cuidado clínico, pautado pela maior aproximação e integração à sua maneira de ser e condição de liberdade.

Conclusões

Pensar as condições de possibilidade da existência remete a considerar a questão da intervenção psicoterapêutica, rumo à possibilidade de liberdade pela pessoa que busca o auxílio de uma psicoterapia fenomenológica.

Compreendemos que, no curso dessa discussão a respeito do humano na pós-modernidade e sua relação com o mundo vivido, surge a possibilidade de uma clínica mais integrada com a fundação do ser. Tal clínica pode ser expressa pela associação entre a postura clássica da clínica fenomenológica e a postura contemporânea filosoficamente instanciada, em direção a um entendimento científico do cuidado e da promoção de saúde mental.

Cumpra-se assim o intento de apontar como a reflexão clínica, a partir das condições de possibilidade da existência, pode servir não apenas para a compreensão da estrutura psíquica, mas para a construção da intervenção psicoterapêutica. A concretização dessa ideia pode ser sintetizada nos termos de Binswanger:

a psicoterapia médica [e porque não incluir aqui a psicológica] não cria, de forma alguma, novas forças, assim como não o faz a medicina somática; pelo contrário, da mesma forma como está pode apenas isolar, concentrar e dirigir as forças que reinam no universo ou no cosmos anorgânico e orgânico, também a psicoterapia pode apenas isolar, concentrar e dirigir as “forças” que reinam no cosmos do ser como próximo, do ser humano com e para um próximo (Binswanger, 2007, p. 145).

Reconhecemos os limites do nosso texto, entendendo que ele não esgota a ideia da aplicação das condições de possibilidade como modalidade de se fundamentar a intervenção clínica. Visamos, afinal, incitar novas perspectivas, críticas e produções no sentido do pensar a respeito das intervenções psicoterapêuticas em uma perspectiva fenomenológica.

Referências Bibliográficas

- Bauman, Z. (2003). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Jorge Zahar Editor.
- Beck, J. S. (2013). *Terapia Cognitiva-Comportamental: teoria e prática*. 2ª Ed. Porto Alegre.
- Becher, G. E., & Takahagui, F. M. (2022). Entre o início e o fim: Um ensaio filosófico-fenomenológico sobre o prefácio de *Fenomenologia da percepção*. In M. Tamelini & G. Messas (Eds.), *Fundamentos de clínica fenomenológica* (pp. 06-22). Manole.
- Binswanger, L. (2007). Sobre a psicoterapia (M. Seincman, Trad.). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, IV(1), 143-166.
- Bloc, L., & Moreira, V. (2021) *Fenomenologia clínica*. Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.
- Brencio, F. (2022). From words to worlds: How metaphors and language shape mental health. In S. Wuppuluri & A. C. Grayling (Eds.), *Metaphors and analogies in sciences and humanities* (pp. 319-336). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-90688-7_16
- Brito Pinto, Ê. (2015). A primeira entrevista. In L. M. Frazão & K. O. Fukumitsu (Orgs.), *A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia* (pp. 1-29). Summus.
- Cerbone, D. R. (2012). *Fenomenologia* (C. Souza, Trad.). Vozes.
- Chemero, A., & Kaufer, S. (2015). *Phenomenology: An introduction*. Polity Press.
- Conselho Federal de Psicologia. (2022). *Reflexões e orientações sobre a prática da psicoterapia*. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.
- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo* (A. Marão, Trad.). Elfos Editora; Edições 70.
- Di Paolo, E. A., Rohde, M., & De Jaegher, H. (2010). Horizons for the enactive mind: Values, social interaction, and play. In J. Stewart, O. Gapenne, & E. A. Di Paolo (Eds.), *Enaction: Toward a new paradigm for cognitive science* (pp. 33-87). The MIT Press.
- Di Paolo, E. A., Cuffari, E. C., & De Jaegher, H. (2018). *Linguistic bodies: The continuity between life and language*. The MIT Press.
- Feijoo, A. M. L. C. (2015). Solidão, cristalização da identidade feminina e a clínica psicológica existencial. In A. M. L. C. Feijoo & M. M. Protasio (Orgs.), *Situações clínicas I: Análise fenomenológica de discursos clínicos* (pp. 16-39). Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.
- Fonseca, F. L. S. (2017). *A fenomenologia da aquisição da língua estrangeira* (Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo). Escola de Comunicação, Educação e Humanidades.

- Fromme, D. K. (2011). *Systems of psychotherapy: Dialectical tensions and integration*. Springer Science+Business Media.
- Fuchs, T. (2018a). *Ecology of the brain: The phenomenology and biology of the embodied mind*. Oxford University Press.
- Fuchs, T. (2007a). Psychotherapy of the lived space: A phenomenological and ecological approach. *American Journal of Psychotherapy*, 61(4), 423–439.
- Fuchs, T. (2007b). Fragmented selves: Temporality and identity in borderline personality disorder. *Psychopathology*, 40(6), 379-387. <https://doi.org/10.1159/000106468>
- Fuchs, T. (2018b). *Para uma psiquiatria fenomenológica: Ensaio e conferências sobre as bases antropológicas da doença psíquica, memória corporal e si mesmo ecológico* (M. Casanova, Trad.). Via Verita.
- HAN, B. C. (2017). *A agonia do Eros*. Vozes.
- HAN, B. C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Josgrilberg, R. S. (2017). Para uma fenomenologia das idades da vida. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(3), 299-307.
- Josgrilberg, R. S. (2015). Fenomenologia e educação. In R. S. Josgrilberg & J. Lauand (Orgs.), *Estudos em antropologia, religião e educação* (pp. 07-25). Factash Editora.
- Le Breton, D. (2016). *Antropologia dos sentidos*. Vozes.
- Lacan, J. (1995). *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2ª ed.). J. Zahar.
- May, R. (1981). *Freedom and Destiny*. W. W. Norton & Company.
- McBride, H. L., & Kwee, J. L. (2021). Inside and out: How western patriarchal cultural contexts shape women's relationships with their bodies. In D. Stoyanov, B. Fulford, G. Stanghellini, W. Van Staden, & M. T. H. Wong (Eds.), *International perspectives in values-based mental health practice: Case studies and commentaries* (pp. 103-108). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-47852-0_12
- Merleau-Ponty, M. (2006a). *Fenomenologia da percepção* (C. A. R. de Moura, Trad.). Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2006b). *Psicologia e pedagogia da criança: Curso da Sorbonne 1949–1952* (I. Benedetti, Trad.). Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (1984). Sobre a fenomenologia da linguagem. In M. Chauí (Org.), *Os pensadores: Merleau-Ponty* (pp. [páginas]). São Paulo: Abril Cultural.
- Messas, G. (2023). Os cem anos da psicopatologia fenomenológica: Reflexões sobre uma visão de mundo. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 12(2), 2-25. <https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i2.1134>
- Messas, G., & Fernandez, A. V. (2022). Recontextualizing the subject of phenomenological psychopathology: Establishing a new paradigm case. *Frontiers in Psychiatry*, 13,

Article 1035967. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2022.1035967>

- Messas, G. (2021). *The existential structure of substance misuse: A study in phenomenological psychopathology*. Springer.
- Messas, G. (2010). *Ensaio sobre a estrutura vivida: Psicopatologia Fenomenológica comparada*. Roca.
- Messas, G., & Fukuda, L. (2018). O diagnóstico psicopatológico fenomenológico da perspectiva dialético-essencialista. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 6(11), 160-191.
- Moran, D. (2000). *Introduction to phenomenology*. Routledge.
- Nasio, J.-D. (1999). Como trabalha um psicanalista? (L. Magalhães, Trad.; M. A. Coutinho, Rev. Téc.). Jorge Zahar.
- Neubern, M. S. (2009). Quem é o dono da psicoterapia? Reflexões sobre a complexidade, a psicologia e a interdisciplinaridade. In H. J. L. F. Rodrigues & A. L. de Brito (Orgs.), *Ano da Psicoterapia: Textos geradores* (pp. 88-100). Conselho Federal de Psicologia.
- Scheibenbogen, O., & Musalek, M. (2021). The will to beauty as a therapeutic agent: Aesthetic values in the treatment of addictive disorders. In D. Stoyanov, B. Fulford, G. Stanghellini, W. Van Staden, & M. T. H. Wong (Eds.), *International perspectives in values-based mental health practice: Case studies and commentaries* (pp. 59-68). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-47852-0_7
- Silva, T. F., & Castellana, G. B. (2023). Psicopatologia e valores. In G. B. Castellana, F. Guimarães-Fernandes, E. W. Aratanga, & P. C. Sallet (Eds.), *Psicopatologia clínica e entrevista psiquiátrica* (pp. 198-209). Manole.
- Souza, L. R. A. (2024). A psicopatologia fenomenológica na movimentação entre sofrimento e liberdade: A lembrança ontológica como cuidado terapêutico (Tese de doutorado, Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo). – trabalho ainda não publicado.
- Tamelini, M. G., & Benedito, L. A. P. (2023). Psicoterapia fenomenológica. In J. E. da Silva (Org.), *Guia Prático de Clínica Psiquiátrica* (Vol. 4, pp. 599-611). São Paulo: EdUSP.
- Tamelini, M. G. (2012). Cinética estrutural na esquizofrenia. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 1(1), 3-25.
- Thorne, B. (2003). *Carl Rogers* (2ª ed.). Sage Publications.
- Tonus, A. (2023). Comentários e debate sobre ‘O novo paradigma da Psiquiatria’. In G. Messas, *O novo paradigma da Psiquiatria* [Vídeo]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=M0uKd4NdhQ4>. Acesso em 17 de julho de 2024.
- Walker, C. (2013). Form and content in Jaspers’ psychopathology. In G. Stanghellini & T. Fuchs (Eds.), *One century of Karl Jaspers' General Psychopathology* (pp. 76-94). Oxford University Press.